

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

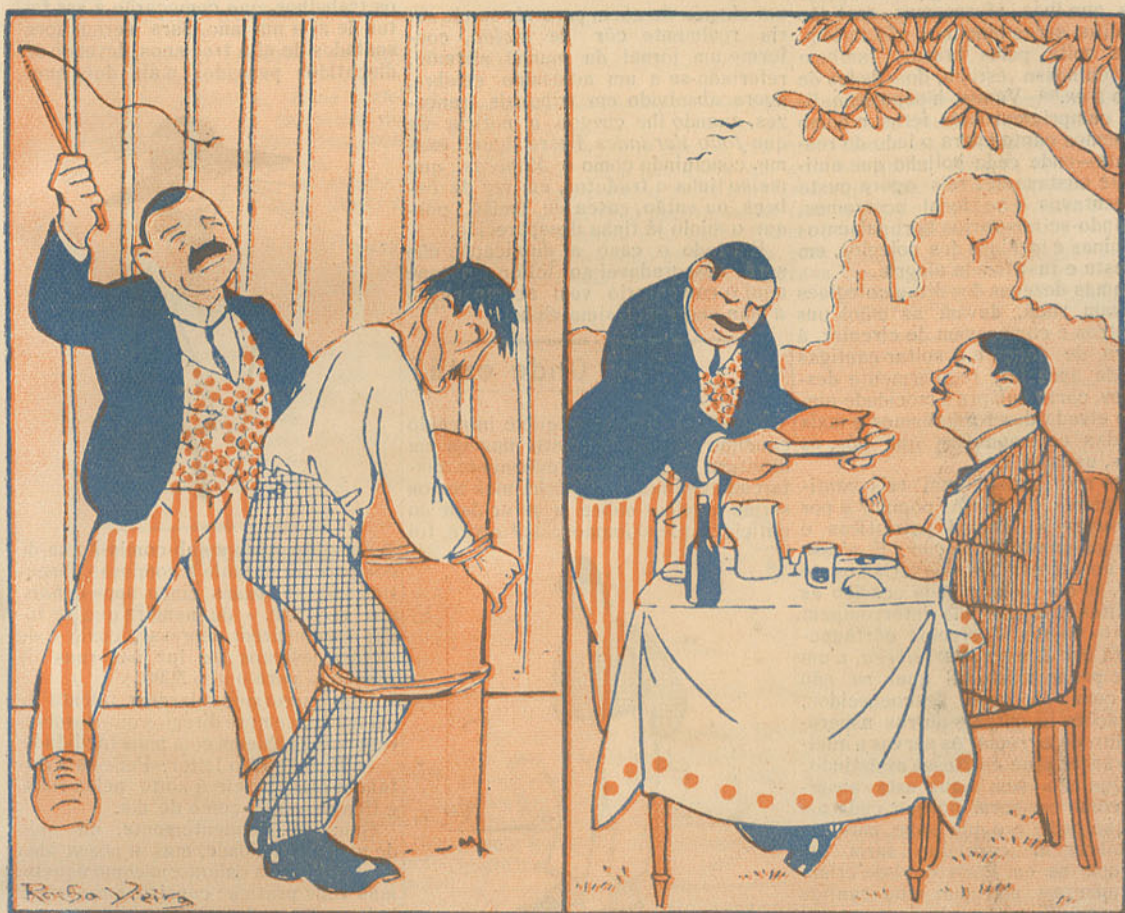
O SEculo

Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

# CONTRASTE



— Eu fui preso republicano. . .

|| — Eu sou preso monarchico. . .



### PALESTRA AMENA

#### Cantigas

Corria ameno o principio da tarde de domingo 13 do corrente mez, quando no Rocio nos metemos n'um electrico para o Jardim Zoologico, depois dos encontrões do estilo e d'uma formidável reprimenda do condutor, porque lhe entregámos uma cedula de dez centavos para pagar os sete da carreira e ele não tinha o respectivo troco. Sem outras peripecias de mais vulto se fez o tracto, até que nos apeámos á porta do dito jardim, pagámos a entrada a uma dama, que na bilheteira nos deitou um rapido olhar para ver se seríamos criança de escola municipal, circumstancia que nos conferiria entrada gratuita e ingressámos, dirigindo-nos em primeiro logar á gaiola dos macacos, nossos particulares amigos, que todos os domingos nos recebem com inequivocas provas de gratidão, pelas avelãs que lhes oferecemos, gratidão que muitos seres humanos não teriam.

Uma volta pelas araras, tambem muito da nossa estima, dois dedos de cavaco á ex.<sup>ma</sup> Venus, hippótama, ligeiros cumprimentos ás feras, e como sentissemos cantos para o lado do restaurante—onde cada bolinho que antigamente custava dez réis agora custa sete centavos—ao local acorremos, deparando-se-nos varios agrupamentos de meninas e meninos dos collegios, em manifesta e justificada alegria.

Algumas dezenas dos ditos colegiaes formavam roda, davam as mãos uns aos outros e começavam de circular, á maneira de dança e a soltar cantigas muito de apreciar, regularmente desafinadas, como cumpre á mocidade ainda não eivada dos formalismos e mais estopadas ceremonias que nós, os adultos, usamos.

Muito nos satisfizeram tais cantigas, algumas de feitiço popular e por isso louváveis, outras patrióticas e então igualmente de elogiar. E n'esse enlevo aprasível nos conserváramos até o final, se em determinada occasião as supraditas crianças não interrompem de subito os seus gorgeios portuguezes para entoarem a *Marselheza*, n'um francez pronunciado tal qual se não fala, com ditongos desconhecidos, acentuações ineditas e outras asperezas muito de arrepiar os nervos a qual-quer francez que estivesse assistindo.

...Que não vem aqui esta observação como censura, porque cada um faz o que pode e o que sabe, mas para lembrar a cara que faria um portuguez se em Paris ouvisse crianças francezas estropiar uma cantiga portugueza. Temos ainda hoje no ouvido a gargalhada da plateia do antigo teatro de D. Maria quando uma atriz italiana, que depois fixou residencia em Lisboa, appareceu pela primeira vez no palco a representar na nossa lingua e disse, logo ás primeiras cenas:

—Eu queria um homem que m'amasse. E' conveniente evitar estas coi-as.

J. Neutral.

### Côr de melão

Aquele *João Verdades do Seculo* é os nossos pecados! Como trabalha na vinha onde trabalhamos, encontra-se muitas vezes connosco a cavar no mesmo terreno, com a desvantagem, para nós, de se nos adeantar, porque o *Seculo* é diario e o seu filho comico é semanal.

Ora pois, estava o nosso colaborador *Manecas* a examinar detidamente



um chapéu de côco, para vêr se ele seria realmente *côr de melão*, conforme um jornal da manhã afirmou, referindo-se a um assassino celebre, agora absolvido em tribunais francezes, quando lhe chegou a noticia de que *João Verdades* fizera igual exame, concluindo como o *Manecas*, que melão tinha o tradutor, em vez de cabeça, ou então, casca de melão, porque o miolo já tinha desaparecido.

Em todo o caso a duplicação não será desagradavel ao leitor, porque aqui o comentario vem acompanhado d'uma engraçadissima vinheta.

#### Onde está?

A ultima versão é que o intrepido caudilho Paiva Couceiro navega em direitura ao Brazil, valentemente disfarçado em moço de bordo, mas temos sérias duvidas sobre a veracidade da noticia: que saibamos, até agora, foi



visto a atravessar corajosamente o rio Minho a nado, de cara rapada e corôa, disfarçado em padre; de destemido rachador de lenha, n'um pinhal do Valongo; denodamente, de moço de uma hospedaria em Vigo; de pescador, com longas e temíveis barbas, n'um saveiro em Ilhavo...

Em vista d'estas variantes, pedimos licença para aventar a hipotese de que o bravo batalhador se encontra muito simplesmente no Porto, animosamente acororado debaixo da cama, esperando que as atenções republicanas se desviem para outros campos e adormeçam por fim, para ele então saltar impetuosa e resolutamente — a dar ás de Vila D'ogo, sem se voltar para traz. E' cá um palpite...

### Iluminação publica

A coisa está por pouco. O governo já conversou com a Camara Municipal a respeito da falta de iluminação em Lisboa, de modo que a solução do problema está para breve: vae-se nomear uma comissão, a qual se instalará d'aquí a tres mezes, nomeando-se logo uma sub-comissão, que se instalará d'aí a seis mezes, para distribuir todos os trabalhos, que começarão a ser feitos de aí a um ano, para serem apresentados de aí a tres anos, devendo ser discutidos passados mais dois anos,



depois dos quais a sub-comissão ha-de comparecer perante a comissão, discutindo-se as bases cinco anos depois, etc., etc., etc. — de maneira que, se todos caminharem depressa, como é de supôr, devemos ter luz nas ruas de Lisboa lá para o ano 3000.

Sem querermos alardear talento de excepção, sempre diremos que resolveríamos o problema com mais facilidade:

— Já sei dirá o leitor. Pede-se á Sanelana que passeie á noite pelas ruas, e fica-se vendo como de dia.

Sim; era, evidentemente, um meio de alumiar a cidade, mas a nossa idéa é, não de tanta galanteria como aquela, mas mais practica: consiste em obrigar todos os moradores da capital a pendurar durante a noite, nas janelas, balões venezianos com as competentes velas acesas. Disparate? talvez, mas, em todo o caso menos idiota do que o alvitre d'um cidadão, que nos escreve propondo que os vereadores da camara se postem ás esquinas, com as mãos no chão e velas espetadas em certo sitio. Credo!



## No Mexico

## EM FOCO

Provavelmente já conhecem a historia, mas não faz mal recorda-la.

Certo cantor europeu, aplaudido nos nossos teatros liricos, foi em digressão artistica á America, percorrendo ali as principais casas de espectaculos, onde ia colhendo fartos aplausos e não menos farta maquia d'aquilo com que se compram os melões.

Foi parar ao Mexico, onde cantou com extraordinario agrado algumas operas. Uma noite, depois do 1.º ato da *Aida*, quando o publico em peso o ovacionava doadamente, recolheu ao camarim e aí appareceu-lhe um ajudante do presidente da Republica a convidá-lo para ir ao camarote presidencial, porque o chefe de Estado desejava felicita-lo.

Foi, recebeu d'este as devidas palavras de entusiasmo e voltou para a cêna, onde cantou o 2.º ato com tanto exito como o primeiro, conquistando por isso ovação não inferior á antecedente.

Ao chegar ao camarim, um sujeito fardado esperava-o.

—Venho pedir-lhe, disse este, o favor de chegar ao camarote do sr. presidente da Republica. Sua excellencia deseja cumprimenta-lo.

O nosso cantor ficou encantado com tanta amabilidade, mas mostrou-se admirado e observou:

—Já tive a honra de ir ao camarote de sua excellencia, no fim do 1.º ato.

—Pois sim, disse o enviado, mas agora o presidente da Republica já é outro.

No intervalo do 1.º para o 2.º ato da *Aida* tinha-se dado uma revolução no Mexico e o antigo presidente havia sido substituído.

Repetimos: a historia é conhecida, mas tem um sabor de oportunidade que justifica plenamente a insistencia.

## Livros, Livrinhos e Livrecos

*Almanaque dos Palcos e Salas*, para 1919.—Chega-nos tão tarde este bello livrinho que a nossa vontade seria não darmos noticia do seu apparecimento—mas como o editor, Arnaldo Bordalo, é um moço muito da nossa simpatia, aí fica a noticia.

## Presos politicos

E' raro o dia em que os jornaes não noticiam a fuga de duas ou tres duzias de presos politicos, dos respectivos carceres, sem que até agora a policia os tenha recapturado.

Não é de estranhar este caso, que se repete sempre que se dão revoltas monarchicas, o que mostra que os monarchicos como carcereiros são muito superiores aos republicanos, visto que estes, no tempo da outra dama, só saíam da gaiola para o tribunal e de este para o degredo.

E tanto isto vem de traz que já n'uma



## Julieta Soares

*Já que estou com as mãos na massa preta  
(Refiro-me ao soneto da Pancada)  
E' uma coisa que não custa nada  
Fazer outro á menina Julieta.*

*Comparei a primeira a um cometa,  
Estrela ou coisa assim, mal comparada;  
Para ser a poesia variada  
D'esta direi que lembra a violeta,*

*Bem sei que é corriqueiro o paralelo  
E já me tem trazido dissabores,  
Mas por maior que seja o meu desvelo*

*Não acho, como os outros escritores,  
Confronto mais exacto nem mais bello  
Para a mulher, que os astros e que as  
flôres...*

BELMIRO.

revista teatral de certo exito, da autoria de dois amigos nossos, era muito aplaudida uma passagem em que: 1.º, um preso politico abria a porta da prisão e se retirava pacatamente, com as mãos a abanar; 2.º, outro fazia o mesmo, mas levando ás costas a guarnição da sentinela; 3.º, outro executava

que o guarda encarregado de dar de comer e de acompanhar a passeio o simpático animal, se chama Jacob, o que inspirou a um poeta nosso amigo a seguinte parodia a um conhecido soneto de Camões:

*Um mez de guardião Jacob servia  
Um cão, pae d'outros cães, sereno e feio,  
M's não servia o cão, pois no passeio  
Outra coisa por premio pretendia.*

*Os dias, com o cão por companhia,  
Passava pelo Aterro em debaneto  
Mas o Antonio Maria com receio,  
Em logar de comer lhe deu aia.*

*Vendo o pobre Jacob que por capricho  
Ao cão era negada a trincadeira  
Ou, quer dizer, a respectiva massa,*

*Mandou no mesmo instante á fava o bicho  
Dizendo lá consigo que era asneira  
Um cão sentimental passear de graça.*

N. B. — De modo algum perfilhamos a insinuação do poeta, pois que, segundo informações fidedignas, o referido Jacob é uma pessoa altamente respeitavel.



igual manobra, com a propria sentinela ás cavaleiras.

Por enquanto estamos na primeira fase, isto é, os homens saíam-se, pura e simplesmente, mas não tardará que levem para bom recato a torre de S. Julião da Barra e que fiquemos sem aquela fortaleza, de reconhecido valor historico.

## O cão camarario

Aquele cão que a Camara Municipal adoptou por filho, sob proposta do vereador sr. Adães Bermudes, e ao qual o vereador sr. Antonio Maria de Oliveira negou a subvenção, já deu o que tinha dar como curiosidade publica. De inedito, apenas temos a acrescentar

DE FÓRA

## Epigrama

*Noite de prata fosca... Errava a lua  
(Bacante em noite lubrica de festa)  
Toda de branco, como noiva honesta.  
E' eu perguntei: — Por que andas desho-*

*nesta.  
A oferecer do corpo a nudez crua ?*

*E a lua disse, como se acordasse  
D'uma visão de estranha palidez  
Que l'e aumentava a palidez da face:*

*— Sim, ando nua pelo ceu perdida,  
Mas sou mais casta n'esta desnudez...  
Do que muita mulher (que anda vestida...*

Antonio Correia Pinto de Almeida.

(Das «Vozes do silencio»).

# Na Praça da Figueira



A última revolução.